

## **ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: OS (DES) CAMINHOS DA REFORMA AGRÁRIA E A LUTA PELA TERRA EM MATO GROSSO DO SUL**

Andrey Minin Martin\*

### **RESUMO**

O intuito deste trabalho é apresentar algumas reflexões sobre os assentamentos da microrregião de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Para tal discussão, partiremos dos dados apresentados na pesquisa desenvolvida pelos cursos de História e Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas sobre a microrregião. Soma-se a estes dados a utilização de entrevistas realizadas em nossa pesquisa de pós-graduação, nível de Mestrado, sobre a luta pela terra no Município de Três Lagoas, cujo conteúdo colabora para que ultrapassemos as leituras deterministas que por vezes reduzem a vida e o trabalho nos assentamentos aos seus resultados econômicos, e não observa que na maioria dos casos, o assentamento e a vida no lote está associada para estes sujeitos a reprodução da unidade familiar.

**Palavras-chave:** Assentamentos, Três Lagoas, Pontal do Faia.

### **ABSTRACT**

The objective of this work is to present some thoughts on the settlements of the micro region of Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. To such discussion, we will start with the presented data in the research developed by courses of History and Geography of the Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus of Três Lagoas about micro region. It is added to these data the use of interviews accomplished in our mastering course, about the fight for the earth in the Municipal district of Três Lagoas, whose content collaborates for us can surpass the readings that reduce the life and the work in the settlements to its economical results, and they don't observe that in most of the cases, the settlement and the life in this place is associated for these people to the reproduction of the family unit.

**Keywords:** Settlement, Três Lagoas, Pontal do Faia.

### **A microrregião de Três Lagoas**

A microrregião três lagoense é composta pelos municípios de Água Clara, Ribas do Rio Pardo, Santa Rita do Pardo, Brasilândia e Três Lagoas. Dentre estes municípios encontramos a presença de seis assentamentos, quais sejam: Assentamento Pedreira e Mutum- em Ribas do Rio Pardo, Córrego Dourado, Santa Rita do Parto e São Tomé – em Santa Rita do Pardo e Pontal do Faia- em Três Lagoas. Estes assentamentos somam conjuntamente uma área total de 23.130,67 ha, beneficiando 550 famílias na região<sup>1</sup>.

A partir destes assentamentos, a pesquisa aqui utilizada como base para discussão, intitulada “A composição de renda nos assentamentos da microrregião de Três Lagoas/MS:

---

<sup>1</sup> \* Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá-UEM, Bolsista CAPES. [andrey.martin@ig.com.br](mailto:andrey.martin@ig.com.br). Orientador: Ângelo A. Priori.

□ Almeida et al, 2007.

análise das atividades agrícolas e não agrícolas”, estabeleceu como critério metodológico o trabalho com questionários e entrevistas semi-dirigidas, atingindo o total de 50% das famílias titulares na aplicação dos questionários e 10% nas entrevistas semi-dirigidas dos lotes nestes assentamentos, de acordo com o cadastro utilizado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária)<sup>2</sup>. No caso do assentamento Pontal do Faia, realizaram-se a aplicação de vinte e três questionário e três entrevistas semi-dirigidas, de um total de quarenta e cinco famílias assentadas.

A microrregião onde se encontra o assentamento Pontal do Faia, apresenta em sua estrutura fundiária o predomínio das grandes propriedades, assim como em grande parte do Estado de Mato Grosso do Sul, fato que justifica o histórico de conflitos no campo, principalmente a partir dos anos 1980<sup>3</sup>. Destarte, observamos que o Estado ficou muito conhecido na mídia por seus grandes rebanhos bovinos, sua produção de soja e atualmente pela crescente produção de celulose e cana-de-açúcar, uma base econômica que faz aflorar um cenário de conflitos agrários, em que os sujeitos do campo lutam contra tal concentração fundiária, em busca da terra de trabalho<sup>4</sup>.

Esta região, segundo os dados do INCRA (2005), apresenta entre os cinco municípios que a compõe, um total de 2.372 grandes propriedades que concentram sozinhas um total de 5.095.369,4 ha de terra, um número expressivo que representam 37% dos imóveis da região e detém 88% das terras cadastradas nestes municípios. E a concentração fundiária no município de Três Lagoas não é diferente:

**Quadro 01 - Distribuição do número de imóveis e área total, segundo a categoria de imóvel rural do município de Três Lagoas – MS**

	<b>Grande Propriedade</b>	<b>Média Propriedade</b>	<b>Pequena Propriedade</b>	<b>Minifúndio</b>	<b>Não classificado</b>	<b>Total</b>
<b>Imóvel</b>	584	660	379	483	39	2.145
<b>Área (ha)</b>	904.736,3	201.648,6	31.605,9	6.185,9	2.642,7	1.146.819,4

Fonte: INCRA – Apuração Especial n ° 00588 – SNCR – Dez/05. Org: Martin, A. M.

<sup>2</sup> O relatório também pontua que se estabeleceu um limite de 230 questionários pra a microrregião, um total de 40% de sua população, decorrente das limitações de tempo e de recursos para o trabalho de campo.

<sup>3</sup> Segundo os dados do IBGE e o sendo agropecuário 1995/96, a área média dos imóveis rurais no Mato Grosso do Sul é de 628,3 ha, oito vezes acima da área média dos imóveis no País, que é de 73,1 ha.

<sup>4</sup> Sobre tal discussão, ver: CAMERMAN, Cristiano. Terra de Trabalho e Terra de Exploração. In: MATIAS M. e LENZ, J. S. (Coord.) *A Igreja e a propriedade da terra no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1980.

Estes dados nos fazem refletir sobre o emergir de ocupações e conflitos agrários que se instauram na região desde o início dos anos 1980, fazendo-nos perceber que muitos são os sujeitos que sonham com a volta para o campo e a conquista de um pedaço de chão para tirar seu sustento juntamente com sua família. Assim, os sujeitos do campo, nesta região e em todo o Mato Grosso do Sul vão (re) criando estratégias de luta e formas para se estabelecer junto à terra, por meio de suas organizações e ocupações, a partir de diferentes agentes que aparecem ao lado destes homens e mulheres, como o MST (Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), CPT (Comissão Pastoral da Terra), CUT (Central Única dos Trabalhadores) e a FETAGRI, através dos Sindicatos, que remontam diferentes práticas e representações da luta pela terra.

As considerações tecidas por Almeida contribuem para observarmos o campo e as diferentes manifestações da luta pela terra na região de Três Lagoas e no Mato Grosso do Sul. Observa que o conflito agrário no Estado, desde sua origem vem destacando diferentes sujeitos e agentes que contribuem para a (re) criação camponesa e, portanto:

*(...) a luta pela terra empreendida pela classe camponesa não conhece apenas um formato. Deste modo, a ocupação da terra, o acampamento não pode ser considerado o divisor de águas do campesinato. Na realidade, são hábitos específicos a desenhar ações diferenciadas na busca do mesmo sonho: um pedaço de chão. Logo, se a luta do ex-arrendatário, do fazendeiro não tem o mesmo significado, que tem para o sem terra do MST, isso não denota que o outro não seja um sujeito legítimo, merecedor de reconhecimento, de potencialidades inscritas na sua condição de classe. Na beira das estradas, na cozinha do fazendeiro, nas fileiras dos sindicatos, nas diversas parcerias na terra dos outros. Enfim, fora e dentro da terra, a luta pulsa numa mesma direção: a terra de trabalho. (2003: 27)*

Assim, vão se criando novos espaços sociais e políticos no caminhar destas lutas contra a exploração e expropriação da terra (Martins, 1982), onde entram em cena novos sujeitos coletivos que fazem prosperar novos movimentos sociais, na busca de condições mais dignas de trabalho e acesso a necessidades fundamentais para suas vidas. São sujeitos que fazem das experiências gestadas ao longo de suas vidas novas formas de se criar enquanto movimento, em que “(...) suas práticas os põe como sujeitos sem que teorias prévias os houvessem constituído ou designado” (SADER, 1988:10).

Nesta perspectiva, encontramos no município de Três Lagoas um histórico em que estes sujeitos aparecem como agentes centrais na luta em busca de tais condições de vida. Desde o início dos anos 1980 uma diversidade de sujeitos entraram em cena para compor uma trajetória de ações envoltas na formação de acampamentos, na busca da sonhada terra para plantar e colher os frutos de seu trabalho. Estes movimentos perduram até hoje, nos deixando riquíssimos relatos, memórias e experiências envoltas nestas lutas, que através de uma

diversidades de fontes nos ajudam a construir parte da história destes trabalhadores no município, até a formação do Assentamento Pontal do Faia, no ano de 2001. Portanto, para realização de tal discussão sobre as práticas e representações construídas no referido assentamento, a partir dos dados da pesquisa, pontuaremos um breve histórico sobre a luta pela terra no município três lagoense.

### **O Município de Três Lagoas: suas lutas, suas memórias**

A trajetória de lutas no estado de Mato Grosso do Sul e especificamente no município de Três Lagoas possui em seu cerne um número diversificado de motivações que levaram muitos de seus sujeitos a buscar na reforma agrária as condições para tentar encontrar um espaço para viver. Dentre as ocorrências de lutas no município três-lagoense, no período de 1980 até hoje, encontram-se presentes, por exemplo, a presença de oleiros e moradores ribeirinhos atingidos pela construção de barragens e que encontraram junto aos sujeitos que lutavam por terra uma chance de uma nova vida. Dessa forma, na compreensão da formação do Assentamento Pontal do Faia, acabamos por encontrar nos sujeitos e nas lutas do passado, referências do significado das lutas do presente.

Neste período, os relatos colhidos pela CPT<sup>5</sup> de Três Lagoas nos elucidam a participação de moradores da chamada “Ilha Comprida”, de pescadores de Jupirá e oleiros da região que acabaram perdendo suas terras e seu sustento decorrente das inundações ocorridas no período. Falas dos lavradores argumentam que “Nos éramos dono da ilha. A gente morava na ilha cumprida, né. Até setenta tudo corria bem para nós. Mas depois que inventaram essa barragem tal, começou de tempo em tempo enchentes perigosas sobre controle deles”, assim como os pescadores: “Nos éramos duzentas famílias na região. Aqui somos cento e cinco. Em oitenta e dois foi a maior enchente... ela levou tudo. Acabou com tudo”.

Estes relatos contribuem para observarmos algumas das principais causas que abalaram a vida destes trabalhadores e camponeses no município. Juntamente com estas ocorrências, pontuadas brevemente neste trabalho, as fontes da CPT e os jornais do período no apresentam que os trabalhadores da fazenda Jatobá acabam por serem expulsos das terras, ficando as margens da referida fazenda. A CPT neste momento convoca uma reunião para buscar definir algumas propostas para organização de um movimento destes trabalhadores

---

<sup>5</sup> Caderno CPT Três Lagoas- 1984. Núcleo de Documentação Histórica-UFMS, Campus de Três lagoas. Caixas 129 e 130.

sem terra no município, que se encontravam as margens de um local para viver e trabalhar<sup>6</sup>.

Forma-se no ano de 1984 em Três Lagoas, próximo à saída para a Capital, Campo Grande, na Br - 262, o acampamento em frente à fazenda Jatobá. Esse acampamento era composto por ex-arrendatários da referida fazenda, que foram expulsos da terra. O movimento durou pouco, e os acampados foram assentados em Bonito, no Assentamento Guaicurus, no ano de 1986.

Nesse mesmo ano, ocorreu no município um acampamento em frente à Fazenda Barra da Moeda, localizado na Rodovia MS-395, onde cerca de 200 famílias acamparam em busca da conquista da terra e para assim serem incluídos no Plano Nacional de Reforma Agrária, que teve seu debate iniciado em 1985. Formou-se assim no município de Três Lagoas o acampamento América Rodrigues da Silva.

As considerações tecidas por Farias em seu trabalho sobre o referido acampamento contribuem para compreensão do histórico das lutas nos anos 1980 no município três lagoense. Segundo a autora:

*O grupo acampou na estrada entre Três Lagoas e Brasilândia, no ano de 1986, incentivado pelas promessas e discursos democráticos envolvendo a possível efetivação da Reforma Agrária, pelo governo da Nova República. Nesse primeiro momento, eram cerca de 200 famílias. Estas sofreram um ato de despejo, ação rápida realizada por tropas da Polícia Militar, e foram levadas em caminhões que passavam pelo local e se dirigiram para a cidade de Três Lagoas, quando se inicia um longo período de confrontos. Concretiza-se o acampamento América Rodrigues da Silva (2006: 31).*

Nas entrevistas realizadas por Farias, encontramos falas alimentadas de sonhos de uma vida livre, em que se faz possível o “tempo de trabalho e de festa”, de fartura e sossego. Autonomia e liberdade se tornam desejos para a maioria daqueles que estão acampados. Estes mesmos desejos permanecem vivos em outros acampamentos ocorridos neste período, em outras lutas, em outros sujeitos.

Assim, essas aspirações e desejos que brotam no seio das lutas no município desde o início dos anos de 1980, vêm a se concretizar somente no ano de 2001, com a participação de novos sujeitos após a formação de um novo acampamento, emaranhado em uma pedagogia de luta pensada e articulada através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Três Lagoas. Essa observação se dá principalmente através da forma como foi pensada a luta e a formação do acampamento no discurso sindical, que o vê, neste caso apenas como uma forma de não perder aquelas terras e de garantir a posse para os trabalhadores cadastrados no sindicato<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Convocação de Reunião com os trabalhadores “Sem Terra” do município. Panfleto CPT -1984.

<sup>7</sup> Segundo a Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Três Lagoas, Genir Neves Silva o acampamento ocorreu pela necessidade de garantir a posse daquela terra para os trabalhadores cadastrados no

Para Grzybowski “o sindicato é um apoio útil e fundamental, sobretudo para promover ações junto aos tribunais, mas não a base inicial na luta” (1990:21).

Todavia, acabamos por deparar com outra perspectiva por parte de alguns daqueles que estiveram durante um ano e três meses na beira da estrada, tentando sobreviver e trabalhar. Assim, para a compreensão da luta pela terra e para nela permanecer, buscamos articular um trabalho que evidencie como se deu esse processo a partir da fala dos próprios sujeitos. Nesse percurso, buscamos desenvolver estratégias que demonstrassem, se existentes, as diferenças e contradições geradas no processo de conquista da terra. De início, sabíamos que não era uma tarefa fácil, uma vez que o processo era bastante complexo e comportava diferentes tendências e posicionamentos. Contudo, entendíamos que a compreensão dessas diferenças e contradições nos ajudariam a elucidar como se deu a conquista da terra neste assentamento.

### **O Assentamento Pontal do Faia nos dados da pesquisa**

A formação do Assentamento Pontal do Faia transcorreu do acampamento, que originou o nome do assentamento, ocorrido entre junho de 2000 a fins de 2001, na estrada BR-158 que liga Três Lagoas a cidade de Selvíria. Este acampamento ocorreu na busca de conquistarem as terras desapropriadas pelo INCRA do imóvel fazenda Pontal do Faia, no dia 07 de Fevereiro de 2000, que mostrou possuir uma área de 1.317,69 ha, que apresentava baixa produtividade.

O movimento começou inicialmente com 69 famílias cadastradas no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Três Lagoas, porém somente 45 dessas famílias foram consideradas aptas para ingressar no assentamento e assim beneficiadas com o lote. As demais famílias foram reprovadas por falta de aptidão agrícola ou por possuírem pessoas aposentadas por invalidez.

Segundo os dados da pesquisa já mencionada, coordenada por Almeida (2007), a maior parte dos sujeitos hoje assentados participou do processo de acampamento durante cerca de um ano e três meses, somando 92,3% de participação e 7,7% que ressaltam terem participado através de negociação com o governo<sup>8</sup>. Porém, muitos destes que ficaram

---

Sindicato, evitando que outros movimentos pudessem se “apropriar da terra” e ser *fundamentalmente* por este motivo que tenha ocorrido o acampamento.

<sup>8</sup> Parte do grupo, segundo as entrevistas realizadas se dirigiu algumas vezes a sede do INCRA em Campo Grande, juntamente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

acampados acabaram por não passarem todo o tempo à beira da estrada, estabelecendo constantes idas e vindas para a cidade, como ressalta Medeiros em sua fala:

*Nós viemos em trinta e poucas pessoas (...) e nem todos ficaram acampados, um pouco porque voltavam pra trabalhar porque tinham serviço, ficavam aí, saíam um mês, voltavam outro, vinham de fim de semana nos barracos, mas foi assim. Só eu e um senhor que morreu ficamos do começo ao fim, ele porque tinha gado, umas vacas leiteiras, veio pra beira da estrada e começou a vender o leite, ele vendia leite pra Nestlé na época, esse aí não saiu e eu também não. Eu também não saí porque trabalhava nas fazendas, nas carvoarias na época e fiquei por aqui. (Assentamento Pontal do Faia, 2006).*

A partir dos dados da pesquisa e dos relatos destes homens e mulheres, estabelecemos uma discussão sobre o período de acampamento e as representações que se formam para estes sujeitos que passaram esse período à beira da estrada, enfrentando muitas vezes a solidão e a saudade. Nesse período, segundo os dados estabelecidos pela referente pesquisa, a maioria destes trabalhadores possuía no período do acampamento moradia urbana, cerca de 43,5% dos entrevistados, seguido de 39% que viviam na área rural no mesmo período.

Sua maioria era composta de assalariados rurais (40%) e assalariados urbanos (25%), provindo seu sustento do trabalho como bóias-frias, nas carvoarias que existiam nas terras da própria fazenda, assim como no trabalho como tratoristas e peões nas fazendas próximas, função esta que ainda se mostra presente por muitos depois da entrada no assentamento. Estes fornos foram instalados pelo ex-dono das terras que buscava recuperá-las através de uma possível alegação de produtividade a partir da existência das fornalhas. Segundo o assentado Medeiros:

*(...) foi quando a terra foi desapropriada veio a carvoaria pra aqui, mas essa carvoaria veio pelo ex-dono da fazenda, que ele tava querendo ver se não perdia as terras, jogou a carvoaria lá e nos deixou na carvoaria, nós estávamos acampados na beira da estrada e não tinha serviço e trabalhamos lá. (Assentamento Pontal do Faia, 2006)*

Identificamos os devidos acontecimentos e ocorrências a fim de estabelecer tal discussão pelo fato de compreendermos que o período de acampamento se torna o momento onde estes sujeitos compartilham experiências, saberes e vão estabelecendo suas ações. Torna-se assim um ambiente em que afloram representações destes sujeitos enquanto grupos, em que se ampliam as experiências “e as memórias individuais se entrelaçam com o próprio grupo social mais amplo, momento em que nascem novas relações, os sujeitos testemunham e compartilham os mesmos sentimentos e pontos de vista, havendo assim, a identificação do grupo” (FARIAS, 2002: 93- 94).

Assim, mesmo que os dados da pesquisa pontuem que muitos destes sujeitos já possuíam alguma relação ou ao menos se conheciam antes do ingresso no acampamento, o período em que se encontravam à beira da estrada se torna o local onde se produzem diálogos e saberes que contribuem para compreensão da representação daquela luta e de outras mais que virão após assentados. Isto se torna claro quando fazemos um paralelo com outros movimentos sociais que lutam pela conquista da terra, como o MST, em que as ocupações e o momento do acampamento representam como salienta Caldart (2000) parte fundamental do movimento, em que está contida sua dimensão organizativa, educativa e de resistência, como a prática de místicas, assembléias, se tornando assim o momento da organização das famílias naquele cotidiano, com muitas limitações materiais, mas que fazem surgir toda riqueza humana destes homens e mulheres em luta.

Neste aspecto Caldart complementa ressaltando que:

*Existe uma dimensão cultural muito forte no MST “um movimento social que foi se constituindo historicamente também pela força de seus gestos, pela postura de seus militantes e pela riqueza de seus símbolos. Do chapéu de palha das primeiras ocupações de terra ao boné vermelho das marchas pelo Brasil, os Sem Terra se fazem identificar por determinadas formas de luta...(p.32)*

Nesta perspectiva, abre-se tal discussão sobre o caráter assistencialista do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que não buscou organizar o movimento de forma a criar um ambiente que proporcionasse a compreensão do que é a luta pela terra e sua conquista. Compreendemos que a própria representação do momento do acampamento no discurso sindical não corrobora com as práticas e representações expressas nas falas dos sujeitos que permaneceram um ano e três meses acampados, trazendo em suas falas muitas histórias, memórias e experiências que contribuem para pensarmos os caminhos da vida e da luta agora assentados.

Em relação ao trabalho familiar e a forma como estes sujeitos utilizam as terras, os dados destacam que sua exploração se caracteriza pelo trabalho individual/familiar, em que se mostram presentes o estabelecimento de associações, como a de produção leiteira e a de artesanato. A produção agropecuária se mostra presente na economia destes sujeitos com 52,2%, sendo a produção leiteira a principal atividade desenvolvida pelas famílias. Somam-se a esta o trabalho existente nas carvoarias (até o ano de 2006), a comercialização do bicho da seda e a produção dos derivados do leite, que representam 30% da produção. A pecuária aparece com 17,4 % da utilização da terra no assentamento.



Para além dos dados aqui mencionados, observamos no trabalho cotidiano do assentamento a existência de uma multiplicidade de fontes que provém o rendimento e a reprodução dos membros da família, que vão desde a renda animal e vegetal até a busca de uma renda externa, fruto principalmente da aposentadoria de alguns membros familiares que residem no lote, sítios, ou qualquer outra forma pela qual estes sujeitos designam o pedaço de chão que chamam de lar. Neste sentido, percebemos que o lote se torna ao mesmo tempo espaço do trabalho e da reprodução familiar, em que, segundo Martins (1981), o instrumento de trabalho, qual seja, a terra, não se encontra dissociada da força de trabalho, no caso toda a família, e, portanto, criam-se relações de trabalho subordinadas ao equilíbrio familiar e que são assim orientadas pelas necessidades do núcleo familiar (ALMEIDA, 2003).

O pomar e a horta se tornam também elementos representativos da vida destes homens e mulheres no tocante das relações sociais e de produção familiar que se estabelecem no assentamento. Segundo os dados 91,3% das famílias possuem um pomar formado em seus lotes, e 73,% cultivam horta, no plantio de verduras e legumes, como alface, almeirão, couve e cebolinha, assim como na riqueza dos pomares, com abacaxi, goiaba, limão, laranja e a amora (fundamental para a produção do bicho da seda). Compreendemos que no cotidiano do assentamento, a horta e o pomar se tornam na fala destes sujeitos representações da vida na terra, da conquista daquele chão, em que manter o terreiro sempre limpo e o quintal farto são sinônimos da terra de trabalho, espaço camponês por excelência, como observa Almeida (2003). Neste aspecto, percebe-se como este espaço, sua produção e eventual consumo entre vizinhos representam uma econômica de trocas simbólicas dentro assentamento, não no sentido mercadológico, mas de uma produção voltada para as necessidades familiares em primeiro lugar.

Quando encontramos lotes em que possivelmente o mato já se encontra em grande parte do quintal, este é sinônimo de abandono ou que a reforma agrária chegou muito tarde para muitos destes sujeitos. Fazemos esta leitura porque, a partir do trabalho de campo, das entrevistas e dos dados utilizados para a análise, observamos que a questão da idade se torna elemento central para compreensão da luta pela terra no município e mesmo da reforma agrária no país. Segundo os dados, 47,8% dos titulares dos lotes possuem idade entre 40 a 60 anos, seguido de 26% acima de 60 anos. O restante soma 26% com idade entre 20 a 40 anos. Isto demonstra que muitos são os sujeitos que acabam por encontrar à terra muito tarde, fato este contrastante em todo Mato Grosso do Sul. Por esta razão sua maioria traz consigo muitas histórias e inúmeras experiências adquiridas ao longo da vida até a conquista de uma terra para chamar de lar. São memórias e experiências que tornam a vida no assentamento um

palco onde estes conhecimentos são depositados, na representação que fazem da terra e da vida atual. Porém, este encontro tardio do homem com a terra também traz consigo as dificuldades que a idade por vezes impõe no trabalho no campo, sendo este um dos principais motivos da saída de muito destes sujeitos da terra.

### **Considerações finais**

A partir de alguns dados fornecidos pela pesquisa acerca dos assentamentos da microrregião de Três Lagoas, buscamos apresentar uma discussão que abarcasse algumas das características sócio-econômicas do Assentamento Pontal do Faia, situado no Município de Três Lagoas. Observando todo o contexto agrário da microrregião, percebemos que o problema fundiário que se estabelece nestes municípios, é semelhante do encontrado na formação e na trajetória de luta do Município de Três Lagoas, dimensionados em suas plurais lutas e sujeitos, colaborando para compreensão da luta pela terra no Estado.

### **Referências bibliográficas**

- ALMEIDA, Rosemeire A. (et al). **A composição de Renda nos Assentamentos da Microrregião de Três Lagoas/MS: análise das atividades agrícolas e não agrícolas.** Três Lagoas. Relatório Fundect, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Identidade, Distinção e Territorialização: O processo de (Re) criação camponesa no Mato Grosso do Sul.** 2003. 391 f. Tese (Doutorado em Geografia), Unesp, Presidente Prudente.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola.** Petrópolis : Vozes, 2000.
- FARIAS, Marisa de Fátima Lombo de. **Acampamento América Rodrigues da Silva.** Esperanças e desilusões na memória dos caminhantes que lutam pela terra. Dourados: Editora Dinâmica Ltda., 2006.
- \_\_\_\_\_. **Assentamento Sul Bonito: As incertezas da travessia na luta pela terra.** Tese apresentada ao programa de Pós Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2002.
- GRZYBOWSKI, Cândido. **Caminhos de descaminhos dos movimentos sociais no campo.** 2º edição. Petrópolis: Vozes, 1990.
- INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA. **Distribuição do número de imóveis e área total, segundo categoria de imóvel rural do Município de Três Lagoas/MS.** Apuração especial nº 00588 –SNCR –Dez/05.
- MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência: a questão política no campo.** 3º ed. São Paulo: Huitec, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Os camponeses e a política no Brasil.** 4º ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- SADER, Eder. **Quando Novos personagens entram em cena: experiências, falar e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.